

Combate à esquistossomose

A esquistossomose ocupa o terceiro lugar nas prioridades da Superintendência de Campanha de Saúde Pública — Sucam — do Ministério da Saúde. Vem depois da malária e da doença de chagas, que ficam com 15 bilhões dos Cr\$ 26 bilhões de orçamento da superintendência para este ano, enquanto a esquistossomose tem reservado Cr\$ 2,8 bilhões, sem contar com o apoio do Finsocial como as outras duas endemias, que receberão mais Cr\$ 10 bilhões, a doença de chagas, e Cr\$ 2 bilhões, a malária. Mas é prioritária, segundo o superintendente da Sucam, José Fiúza Lima.

O problema, de acordo com José Fiúza Lima, é que o peso social da esquistossomose é muito grande e não pode ser solucionado apenas com as atividades do setor de saúde. Isto é, não adianta investir milhões e milhões de cruzeiros na parte da saúde, se não for resolvido o problema do saneamento básico, segundo afirma o superintendente da Sucam, ao lembrar que água encanada e esgoto contribuem para reduzir o contato das pessoas com a fonte da infecção.

Na falta de saneamento básico, conforme ressaltam técnicos da Sucam, o que se faz é dar ênfase ao tratamento das pessoas atingidas pela doença, enquanto combate-se os criadouros dos caramujos (transmissores da esquistossomose) ao mesmo tempo em que são feitos exames para detectar possíveis portadores do mal. É claro, segundo os técnicos, que este trabalho tem contribuído para reduzir a prevalência da doença. Em termos de extensão territorial, a Sucam cobre quase que apenas um terço da área endêmica do País. Existem estados como São Paulo, por exemplo, onde não há atendimento direto da Sucam, mas que a Secretaria de Saúde possui estrutura para executar o trabalho necessário.

Para solucionar o problema da esquistossomose, segundo resalta o superintendente da Sucam, nem mesmo todo o orçamento do Ministério da Saúde seria suficiente, diante dos diversos fatores que contribuem para o agravamento da doença.

O certo, segundo os técnicos da Sucam, é que não se consegue acabar com a transmissão da esquistossomose, pelo menos tem-se conseguido tratar as pessoas, evitando-se assim que elas cheguem aos estágios mais graves da doença, apresentando complicações gastro-intestinais mais sérias, comprometimento hepático, aumento do fígado, do baço e outras complicações. O

atendimento especial está voltado para as crianças e, segundo explicação dos técnicos, o tratamento ainda se constitui na administração de uma dose única da droga oximiquina. Em 1982 foram tratadas cerca de 700 mil pessoas. O Ministério da Saúde, segundo José Fiúza Lima, enquanto não é possível acabar com os focos de esquistossomose, vai tratando dos doentes para evitar que eles fiquem incapacitados para o trabalho, o que é impossível de ser feito com aquelas pessoas que adquiriram a doença de chagas. Tanto assim, que no anuário da mortalidade de 1979, publicado pelo Ministério da Saúde, estão registrados 818 óbitos como consequência da esquistossomose, contra seis mortes decorrentes da doença de chagas.